

Linguística

Painel - Pesquisa**Humanidades - Linguística****CULTURA MIDIÁTICA CONTEMPORÂNEA: A CRIANÇA E O BRINQUEDO****BOM, F. C.***costafrancine@hotmail.com***Instituição: UNISUL - UNIVERSIDADE DO SUL CATARINENSE**
Laboratório / Grupo de Pesquisa: Linguagem e cultura*Palavras-chave: Mídia, Cultura, Brinquedo, Criança.***Introdução**

O jogo existente entre o real e o imaginário é percebido e vivido pela criança com muita intensidade por meio da mídia, que não está presente apenas pelo viés televisivo, mas vem acoplado em objetos de utilidade cotidiana da criança como mochilas, cadernos, lápis, roupas, sapatos, e, sobretudo nos brinquedos. São formas diretas e indiretas de comunicação. O presente artigo tem como objetivo, possibilitar a reflexão quanto à influência positiva da mídia contemporânea na relação da criança com o brinquedo, quebrando paradigmas empíricos que afirmam o contrário.

Metodologia

O estudo de natureza básica foi exploratório, com a finalidade de proporcionar maior familiaridade com a temática tornando-a explícita, e bibliográfico para ampliar os conhecimentos sobre o objeto de estudo em questão.

Resultados e Discussão

As brincadeiras provenientes de conteúdos televisivos assumem um caráter coletivo. Ou seja, a coletividade funciona como uma descarga emocional, de prazer por ser aprovado seu pertencimento dentro de um grupo.

Da mesma forma ocorre com os brinquedos advindos dos programas televisivos. Quando uma criança solitária manipula o boneco que representa o personagem da televisão, o brinquedo deixa de ser passivo na relação com a criança, e passa para a condição da ação, permitindo outras possibilidades de recriar o seu universo imaginário, principalmente se a manipulação chegar à coletividade.

Brougère (2006) não concorda com o empirismo instalado nos últimos séculos de que a televisão concorre diretamente com a brincadeira. Pelo contrário, ela abastece a brincadeira, segundo Brougère (p. 56, 2006), “[...] na medida em que a brincadeira não nasceu do nada, mas sim daquilo com o que a criança é confrontada. [...] permite à

criança apropriar-se de certos conteúdos da televisão.”

Conclusão

É possível concluir que a mídia não pode exercer um papel determinante e manipulativo no ato de brincar da criança. O entrelaçamento na visão dos autores nos permite analisar a criança como produtora de cultura, capaz de utilizar a mídia como mais um referencial, um código, para a compreensão do meio social em que está inserida. Não se pode demonizar a mídia como única incentivadora e propulsora de comportamentos não condizentes com o universo infantil. Antes disso é preciso compreender que a televisão é uma empresa que funciona pela ação do adulto, que é outra referência para a criança. A mídia é um instrumento a favor do capital, mas controlada pelo adulto. Portanto, a criança em contato com os produtos televisivos busca compreender a sociedade pelos meios de conceitos, e representações criadas pelo adulto.

A influência positiva está no fato de que a brincadeira para a criança é uma colcha de retalhos, e por mais que a mídia instigue o desejo de posse, de consumo, no ato da apropriação do brinquedo, ou no momento da vivência da brincadeira, a criança mergulha no seu mundo particular, e todos os referenciais massificados pela mídia geralmente sofrem transformações, releitura. As bonecas Barbies que traduzem o universo do luxo, da beleza, transformam-se em mães, babás, faxineiras, bandidas e até mesmo em bebês. Não há fronteiras para o imaginário infantil, tal qual afirma Silva (p. 77, 2006) “Nos imaginários, tudo é movimento e correnteza.” Por esse motivo, ao invés de lançar a culpa à mídia pelos comportamentos inadequados das crianças na sociedade contemporânea, cabe utilizar-se da visão de Maffesoli (2007) e compreender aquilo que está posto, ensinando à criança a entender aquilo que está de acordo com o seu mundo, revelando a realidade do seu cotidiano em confronto com o imaginário televisivo, e o seu próprio imaginário. É um círculo que não se cessa, posto que adulto seja a referência direta

ou indireta para a criança, inclusive estando oculto na produção midiática infantil.

Referências Bibliográficas

BROUGÈRE, Gilles. Brinquedo e Cultura. São Paulo: Cortez, 2006.

BUCCI, Eugênio; KHEL, Maria Rita. Videologias. São Paulo: Bomtempo, 2004.

COHN, Clarice. Antropologia da criança. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MAFFESOLI, Michel. O ritmo da vida: variações do imaginário pós-moderno. São Paulo: Reccord, 2007.

SILVA, Juremir Machado da. As tecnologias do imaginário. Porto Alegre: Sulina, 2006.

Oral - Pesquisa

Humanidades - Linguística

A PRESENÇA DO DIRECIONAMENTO DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NOS VESTIBULARES UDESC E UFSC

SCHLICKMANN, C., POSSENTI, G. B. B.

cas@unesc.net, possenti04@yahoo.co.uk

Instituição: UNESC - UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
Laboratório / Grupo de Pesquisa: pibic

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa, teóricos, vestibulares

Introdução

A partir de leituras tomadas como base para a grande maioria de professores, estudantes e para os próprios teóricos da língua que buscam o aperfeiçoamento e o aprimoramento do ensino da Língua Portuguesa nos dias atuais, refletimos sobre alguns fatores em questões de vestibulares Catarinenses, como: verificar nas questões a presença do direcionamento de ensino da língua ou a permanência dos padrões estruturais já dirimidos; confirmar se Literatura está sendo utilizada para o benefício do conhecimento social, histórico, crítico e intelectual dos alunos e não para análise de metalinguagem ou situar períodos literários; confirmar ou não o fato de que as questões encontradas nas provas de vestibulares Catarinenses têm como base o texto.

Em linhas gerais, propõe-se a analisar e verificar a objetividade das questões em benefício do cidadão.

Metodologia

O desenvolvimento deste trabalho é norteado pela análise de textos dos principais teóricos de Língua Portuguesa, além dos direcionamentos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e tem como objeto de análise questões de Língua Portuguesa em vestibulares, a fim de verificar se estas vão ao encontro das discussões acerca dos conteúdos da disciplina. A coleta de dados tem origem em duas provas de vestibulares Catarinenses e contará com um corpus de 26 questões provenientes da prova UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina). Serão analisadas quatorze questões de Língua Portuguesa do vestibular UDESC, ano de 2013, questões 37 à 50 e doze questões do vestibular UFSC, questões 1 à 12 do ano de 2012. O embasamento teórico se dará a partir de teóricos como, Geraldini (2000), Possenti (2000), Soares (2002) e os PCN (1998). Trata-se de uma pesquisa quantitativa, pois se pretende

apresentar dados originados de recursos e de técnicas estatísticas.

Resultados e Discussão

Considerando a soma das provas dos vestibulares UDESC e UFSC, concluímos que 57,7% das questões foca em interpretação e conhecimento sobre a linguagem, ou seja, as opções de resposta poderiam tramitar entre norma padrão e teoria gramatical aplicada ao uso, bem como trabalhar coesão e coerência. Outros 34,6% das questões focavam em leitura e interpretação de textos literários que se encontravam na prova, com os quais o candidato deveria, após sua análise, ser capaz de responder as questões. Os 7,7% remanescentes visavam trabalhar com Teoria Literária. Deste modo, requeriam do candidato conhecimento teórico acerca de datas e características de escrita dos períodos mencionados. Caso o estudante tenha estudado a partir do texto, não saberia responder sobre estas últimas questões.

Ao analisarmos individualmente as provas, constatamos que na prova de vestibular UDESC o foco das questões era de interpretação e conhecimento sobre a linguagem, somando 64,3% das questões. Já outros 21,4% das questões eram de leitura e interpretação de textos literários e, por fim, 14,3% da prova de Língua Portuguesa focavam em conhecimento de Teoria Literária. Quanto à prova UFSC concluímos que 50% das questões eram de cunho interpretativo e de leitura de obras literárias e outros 50% das questões focavam em interpretação e conhecimento sobre a linguagem.

Conclusão

Concluímos que os vestibulares UFSC e UDESC seguem o direcionamento de ensino proposto pelos principais teóricos da Língua Portuguesa, bem como o que é proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. Logo, é de suma importância que continue-se a pesquisar, ler e

aprender sobre novos métodos de ensino que facilitarão o ensino de Língua Portuguesa.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FRANCHI, Carlos; NEGRÃO, Esmeralda V.; MÜLLER, Ana Lúcia de Paula; POSSENTI, Sírio. Mas o que é mesmo gramática? São Paulo: Parábola, 2006.

GERALDI, João Wanderley (Org.). O texto na sala de aula. 3. ed. São Paulo: Ática, 2000.

PERINI, Mário A. Sofrendo a gramática: ensaios sobre a linguagem. São Paulo: Ática, 1997.

POSSANTI, Sírio. Por que (não) ensinar gramática na escola. 6. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000.

Fonte Financiadora

A presente pesquisa foi possibilitada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e realizado na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), sendo vinculado à Unidade Acadêmica de Humanidades, Ciências e Educação (UNA HCE) e desenvolvida por pesquisadores do curso de Letras.

Oral - Relato de Experiência**Humanidades - Linguística****ALINHANDO TEORIA E PRÁTICA: POR UM ENSINO INTERACIONISTA DA LÍNGUA MATERNA****DIAS, A. T. B. B. B.***bianca@unesc.net***Instituição: UNESC - UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE**
Laboratório / Grupo de Pesquisa: Núcleo de Estudos Organizacionais - NEGEO*Palavras-chave: Teoria, prática, ensino interacionista***Introdução**

A disciplina de Linguística Aplicada ao Ensino de Português, ministrada na sexta fase do curso de Letras, tem como objetivo geral proporcionar, ao acadêmico, reflexões, discussões e experiências de ensino da língua materna na educação básica, de modo que o estudante de Letras pensar a sua prática pedagógica acerca do processo ensino aprendizagem em sala de aula. Dentre outras atividades realizadas, os alunos leram duas obras que subsidiaram tais ponderações, a saber: Antunes (2007) e Bortini–Ricardo (2006).

Metodologia

A metodologia foi: leitura prévia dos dois textos e, em sala de aula, o livro foi dividido para apresentação em equipe. No grande grupo, foi discutida cada etapa da obra, os alunos trazendo suas experiências, questionamentos. Na aula seguinte, para retomar o conteúdo e finalizar a atividade com a obra, foi elaborada uma síntese com os principais tópicos acerca das implicações para o processo de ensino aprendizagem da língua na escola. No momento seguinte, foi distribuído um ensaio de revista intitulado “Tecnologia e educação”; os alunos realizaram leitura silenciosa, e, na sequência, em grupo, foi solicitado que localizassem as partes constituintes do texto (introdução, desenvolvimento, fechamento) e que eles justificassem a segmentação apresentada, como também deveriam localizar os argumentos e as comprovações utilizadas em favor do tema do ensaio. Feita a atividade por eles, a docente começou a discutir período por período do texto, localizando os argumentos e explicando porque ali havia um e quais as comprovações usadas pelo autor do texto. Realizada a atividade, retomamos capítulo da obra lida que trazia como proposta de ensino da língua materna a identificação das partes constituintes do texto, bem como os argumentos e comprovações para persuadir o leitor da ideia defendida pelo ensaísta. Dessa maneira, os estudantes puderam

vivenciar como poderiam realizar a atividade com o aluno na educação básica.

Resultados e Discussão

Os acadêmicos leram o artigo de Bortini–Ricardo (2006) previamente. A autora apresentou primeiramente uma distinção entre os chamados “erros” de português e instiga o leitor-professor de que os trabalhos/avaliações dos estudantes devem servir de diagnóstico, bem como subsidiá-lo no preparo das próximas aulas partindo da dificuldade dos alunos. A docente destacou quatro questões que os estudantes deveriam refletir acerca da leitura realizada e responder. Todas as perguntas visavam que eles pudessem sintetizar, no sentido de organizar o conhecimento adquirido com a leitura realizada. Dado o tempo para que pudessem responder com seus pares, socializamos com o grande grupo a fim de que todos pudessem contribuir. Os alunos, organizados em grupos, receberam textos de alunos do segundo grau, os quais tinham “erros” e, sob a perspectiva defendida por Bortini–Ricardo (2006), os estudantes identificaram as dificuldades. Para, com base nelas, realizar diagnóstico linguístico e realizar uma proposição de atividades atendendo o que foi preconizado por Antunes para o ensino da língua materna. Na aula seguinte, os alunos socializaram com o grande grupo o texto, o diagnóstico e a proposta de atividade.

Conclusão

Como resultados finais, tivemos a leitura e discussão de duas obras acadêmicas, mas principalmente tivemos a participação dos alunos em todas as etapas da atividade, interagindo tanto com a professora como entre eles, hora em pequenos grupos, ora com toda a turma. Isso deu um dinamismo para a aula. Além de que eles puderam interpretar de fato e fixar a leitura realizada, por meio da síntese e das questões, bem como tiveram a oportunidade de, diante de uma situação problema, desenvolver a habilidade

de julgar a situação com critérios claros e elaborar uma proposição para tal situação.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Irandé. Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007.

BORTINI-RICARDO, Stella Maris. O estatuto do erro na língua oral e na língua escrita. IN. GORSKI, Edair; COELHO, Izete Lehmkuhl. Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006. p.267-277.